

ENSAIO

**O ENSINO SOBRE HANSENÍASE NA GRADUAÇÃO EM SAÚDE:
LIMITES E DESAFIOS PARA UM CUIDADO INTEGRAL**

Maria Augusta Vasconcelos Palácio^a

Iukary Takenami^b

Laís Barreto de Brito Gonçalves^c

Resumo

A hanseníase representa um preocupante problema de saúde pública no Brasil, com altas taxas endêmicas e grande impacto na vida do indivíduo e sua família. Um importante instrumento para alcançar o seu controle efetivo é o amplo conhecimento sobre a doença. No entanto, existem lacunas na formação dos profissionais de saúde quanto à sua abordagem no processo de ensino-aprendizagem, o que influencia na prática profissional. A integralidade no cuidado às pessoas com hanseníase precisa orientar o processo de formação dos profissionais de saúde. Objetiva-se apresentar reflexões sobre o ensino da hanseníase em cursos de Graduação em saúde, apontando limites e desafios para um cuidado integral. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura que pretende conhecer o estado da arte sobre o ensino da hanseníase na Graduação em saúde. O ensino sobre a hanseníase e sua integração nos currículos dos cursos da área da saúde ainda não contempla uma perspectiva integral para a abordagem do tema. Existe um distanciamento entre teoria e prática, um enfoque centrado nos aspectos clínicos e um grau elevado de desinformação sobre diagnóstico, tratamento, cura e aspectos sociais que envolvem o processo de adoecimento e tratamento. A hanseníase precisa ser abordada de forma integral nos cursos da área da saúde desde os primeiros semestres. Dessa forma, deve-se considerar um olhar ampliado para aspectos sociais e culturais que envolvem o processo de adoecimento e tratamento, tanto a nível individual quanto familiar.

Palavras-chave: Hanseníase. Ensino superior. Educação em saúde.

^a Enfermeira. Doutora em Educação em Ciências e Saúde. Docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Paulo Afonso, Bahia, Brasil. E-mail: augusta.palacio@univasf.edu.br

^b Biomédica. Doutora em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa. Docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Paulo Afonso, Bahia, Brasil. E-mail: iukary.takenami@univasf.edu.br

^c Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri. Crato, Ceará, Brasil. E-mail: laisynha1@hotmail.com
Endereço para correspondência: Universidade Federal do Vale do São Francisco. Rua da Alvorada, s/n, General Dutra. Paulo Afonso, Bahia, Brasil. CEP: 48607-190. E-mail: augusta.palacio@univasf.edu.br

TEACHING ABOUT LEPROSY IN UNDERGRADUATE HEALTH COURSES:
LIMITS AND CHALLENGES FOR INTEGRAL CARE

Abstract

Leprosy represents a public health issue in Brazil, having high endemic rates and great impact on the life of the individual and his family. An important tool for achieving effective control is extensive knowledge about the disease. However, there are gaps in health professional training regarding their approach in the teaching-learning process, which influences professional practice. Integral care for people with leprosy needs to guide the training process of health professionals. This study presents reflections on the teaching of leprosy in undergraduate courses in Health, indicating the limits and challenges for integral care, verifying the state of the art on the teaching of leprosy in undergraduate health by means of literature review. Teaching about leprosy and its integration in curricula of the courses of the health area has not yet reached an integral perspective to the approach of the subject. There is still a gap between theory and practice, a focus on clinical aspects, and a high degree of misinformation about diagnosis, treatment, cure, and social aspects that involve the process of illness and treatment. Leprosy needs to be addressed in a comprehensive manner in courses of the health field since the first semesters. Thus, an expanded view must be considered for social and cultural aspects that involve the process of illness and treatment, both individually and in the family.

Keywords: Leprosy. Higher education. Health education.

LA ENSEÑANZA SOBRE LEPROSA EN LOS CURSOS DE PREGRADO EN SALUD:
LOS LÍMITES Y LOS DESAFÍOS PARA UN CUIDADO INTEGRAL

Resumen

La lepra es un gran problema de salud pública en Brasil, con altos índices endémicos y gran impacto en la vida del individuo y su familia. Para alcanzar su control efectivo, un importante instrumento es el amplio conocimiento sobre la enfermedad. Sin embargo, existen deficiencias en la formación de los profesionales de la salud con relación a su enfoque en el proceso de enseñanza-aprendizaje, lo que influye en la práctica profesional. La integralidad del cuidado a las personas con lepra necesita orientar el proceso de formación de los profesionales de la salud. Se pretende presentar reflexiones sobre la enseñanza de la lepra en cursos de graduación en salud, apuntando límites y desafíos para un cuidado integral. Esta es una revisión narrativa de la literatura que tiene

como objetivo conocer el estado del arte en la enseñanza de la lepra en los cursos de graduación. La enseñanza sobre la lepra y su integración en los planes de estudios de los cursos del área aún no ha alcanzado una perspectiva integral para el abordaje del tema. Hay un distanciamiento entre teoría y práctica, enfocándose en los aspectos clínicos y un alto grado de desinformación sobre el diagnóstico, tratamiento, cura y aspectos sociales que comprende el proceso de enfermedad y tratamiento. La lepra necesita ser abordada de forma integral en los cursos del área de la salud desde los primeros semestres. De esta forma, se debe ampliar la mirada hacia los aspectos sociales y culturales que comprende el proceso de enfermedad y tratamiento, tanto a nivel individual como familiar.

Palabras clave: Lepra. Educación superior. Educación en salud.

INTRODUÇÃO

A Hanseníase representa um preocupante problema de saúde pública no Brasil, com altas taxas endêmicas e grande impacto na vida do indivíduo e sua família. É um problema que requer um olhar sensível dos formuladores de políticas públicas, dos profissionais de saúde e da comunidade, para alcançar, em longo prazo, o que a Estratégia Global para Hanseníase 2016-2020 defende: “um mundo sem hanseníase”^{1:7}. Para tanto, o que deve ser buscado de imediato é a detecção precoce dos casos de hanseníase e o tratamento oportuno para evitar incapacidades e reduzir a transmissão da infecção na comunidade¹. Contudo, o alcance dessas metas requer um trabalho intersetorial, multidisciplinar, que envolva os serviços de saúde na elaboração de estratégias de enfrentamento e as universidades no aperfeiçoamento contínuo do processo de ensino-aprendizagem sobre a doença².

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹ revelam que Índia, Brasil e Indonésia, três países com grandes populações, notificam mais de 10 mil novos casos anualmente, representando 81% dos pacientes recém-diagnosticados e notificados no mundo. No Brasil, no ano de 2016, foram notificados 25.218 casos novos, uma taxa de detecção de 12,2/100 mil habitantes. Com esse quadro epidemiológico, o Brasil ocupa o segundo lugar em número de casos novos registrados no mundo³.

A hanseníase é uma doença crônica, infectocontagiosa, de grande magnitude pelo seu alto potencial de produção de deformidades e de incapacidades físicas². O agente etiológico é o *Mycobacterium leprae*, que infecta os nervos periféricos e, mais especificamente, as células de Schwann. A transmissão da doença ocorre pelas vias respiratórias, por meio do

contato próximo e prolongado de um hospedeiro suscetível com um paciente bacilífero que não está em tratamento. Por isso, uma das principais medidas epidemiológicas é o exame dos contatos intradomiciliares. Cabe destacar que, se a doença não for tratada na sua forma inicial, ela quase sempre evolui e se torna transmissível⁴.

A principal característica clínica da hanseníase é o aparecimento de uma lesão na pele (manchas, placas, infiltrados e/ou nódulos cutâneos), com diminuição ou perda da sensibilidade. O diagnóstico da hanseníase é predominantemente clínico e envolve uma avaliação dermatoneurológica, a partir de teste de sensibilidade, na região em que se localizam as lesões, e investigação neurológica, com palpação de nervos e teste da força muscular⁵. Aos pacientes diagnosticados com hanseníase é oferecido tratamento gratuito pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a poliquimioterapia (PQT-OMS). Assim, o tratamento interrompe a cadeia de transmissão em poucos dias e garante a cura da doença⁴.

O estigma e a discriminação são questões muito presentes na vida do indivíduo com hanseníase, e se configuram também como fatores que interferem no diagnóstico, na continuidade do tratamento, nos contextos familiares e sociais e na própria relação com o serviço de saúde e os profissionais que nele atuam.

Historicamente, a hanseníase carrega o peso da exclusão social, pois durante muitos anos, ter essa doença era uma espécie de condenação, e as únicas soluções eram a internação e o isolamento compulsório⁶. Com uma política pública altamente autoritária, implementada no Brasil a partir de 1930, na qual o objetivo era a internação compulsória de doentes acometidos pela hanseníase, as pessoas que recebiam este diagnóstico passavam por um duplo sofrimento, e muitos perderam suas famílias, seu emprego e sua identidade no contexto em que viviam⁷.

Atualmente, existem alguns indicadores sobre a presença da hanseníase e sua capacidade de transmissão na comunidade, alertando para uma falência nas estratégias de busca ativa e diagnóstico precoce. O primeiro deles é o aumento do número de pacientes pediátricos, o que sinaliza uma infecção ativa, que não está sendo tratada no contexto familiar e social. O outro é o diagnóstico tardio, quando o paciente já apresenta incapacidades/deformidades¹. Esses fatores têm chamado atenção, pois embora existam estratégias nacionais e mundiais de combate à doença e ao impacto que ela gera na vida do indivíduo, na prática, a sua efetivação ainda é um desafio.

A hanseníase faz parte do grupo das doenças consideradas negligenciadas, aquelas que além de prevalecerem em condições de pobreza, também contribuem para o quadro de desigualdade, uma vez que representam entraves ao desenvolvimento dos países⁸.

Conforme alertam Dias, Cyrino e Lastória⁹, negligenciadas também têm sido sua importância e sua valorização na formação das profissões da saúde, mesmo nos países endêmicos, como é o caso do Brasil. Corroborando essa afirmativa, compreende-se que o baixo nível de conhecimento sobre a doença entre alunos e profissionais das áreas da saúde é um fator que tem dificultado o controle da hanseníase¹⁰.

O cuidado à pessoa com hanseníase deve considerar a integralidade como eixo condutor das práticas de saúde, desde a possibilidade de garantir o acesso a todos os níveis do sistema de saúde, a integração de ações preventivas, curativas e de promoção da saúde, a compreensão do sujeito e não apenas da doença instalada. A garantia de um cuidado integral contribui para uma ruptura dos valores tradicionais da saúde, a fragmentação da atenção e do cuidado às pessoas¹¹. Nessa perspectiva, durante a formação dos profissionais de saúde, esses conceitos e suas implicações na prática devem ser trabalhados de forma transversal a todos os componentes curriculares, pois somente a partir de mudanças no ensino é possível reorientar práticas que ainda permanecem arraigadas ao modelo hegemônico da saúde.

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre o ensino de hanseníase em cursos de Graduação em saúde, apontando alguns limites e desafios para um cuidado integral. A proposta é contribuir com a discussão sobre a temática, uma vez que se observam lacunas nesse processo de ensino-aprendizagem durante a formação dos profissionais de saúde.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, uma vez que pretende conhecer o que se tem discutido sobre o ensino da hanseníase na Graduação em saúde. Esse tipo de revisão tem como finalidade mapear estudos sobre uma determinada temática, sendo apropriados para “descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual”^{12:1}. Para tanto, não segue protocolos sistemáticos de busca na literatura e não tem a finalidade de esgotar as fontes de informações, podendo acessar livros, artigos científicos ou outros documentos, que permitem uma análise crítica do autor^{12,13}.

A pesquisa foi realizada a partir de buscas na Biblioteca Virtual de Saúde, no Google Acadêmico (Google Scholar) e em materiais oficiais do Ministério de Saúde do Brasil, nos meses de dezembro de 2018 a janeiro de 2019. A escolha por essas bases de dados deve-se à capacidade de rastrear informações técnicas-científicas, contemplando não só periódicos, bem como outros materiais de embasamento científico, e por se tratar de um levantamento inicial sobre a temática para conhecer as discussões em torno do ensino sobre hanseníase na

Graduação em saúde. Dessa forma, o estudo tinha o objetivo de conhecer esse panorama, mas não a finalidade de estocar as bases de dados em um primeiro momento. Nas bases de dados, os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram “hanseníase” e “educação em saúde” e “ensino superior”, sem restrição de período, escritos em inglês ou português, com o objetivo de ampliar a busca e identificar se essas discussões estão presentes no campo da formação em saúde. Foram excluídos artigos indisponíveis na íntegra ou que não abordassem a temática proposta. Após seleção dos artigos e documentos, seguiu-se a análise com base na experiência apresentada sobre a abordagem da hanseníase no ensino da saúde, em diferentes áreas de formação. A prática docente tem revelado lacunas nessa abordagem e esse levantamento inicial do estado da arte teve como finalidade entender quais questões estão sendo discutidas sobre essa temática.

O ENSINO DA HANSENÍASE NA GRADUAÇÃO EM SAÚDE

A produção científica sobre o ensino da hanseníase nos cursos de Graduação em saúde ainda se mostra incipiente na literatura nacional. Alguns estudos pontuais também têm demonstrado esse mesmo cenário, em épocas diferentes. Dias, Cyrino e Lastória⁹ referem uma ausência de pesquisas no Brasil que abordem conteúdos e metodologias de ensino sobre a hanseníase para as profissões da saúde. Para Viana, Araújo e Pires², há uma escassez de estudos científicos que discutam a avaliação de conhecimentos, atitudes ou necessidades sobre hanseníase na formação dos acadêmicos da área da saúde, ou mesmo que compartilhem experiências do processo de ensino-aprendizagem em universidades brasileiras.

Dessa forma, as discussões tecidas neste trabalho estão embasadas na vivência acadêmica e em pesquisas sobre a temática, que contribuem para elaborar algumas reflexões sobre o ensino da hanseníase na formação de profissionais de saúde. Os achados na literatura têm corroborado com as experiências docentes, nas quais ainda prevalece uma concepção pedagógica pautada na dicotomia entre teoria e prática^{2,9,10,14-17}.

Dias, Cyrino e Lastória⁹ investigaram os conhecimentos de estudantes de fisioterapia sobre hanseníase antes de terem um contato formal com a temática na Graduação. Os participantes do estudo foram 51 estudantes que estavam, em 2004, cursando o quarto ano do curso. Os resultados relevaram que existia um conhecimento superficial dos estudantes, demonstrado por uma confusão de conceitos em relação à doença, à transmissão e à atuação do fisioterapeuta no cuidado às pessoas com hanseníase.

Lopes¹⁵ também avaliou o nível de conhecimento sobre hanseníase entre estudantes de fisioterapia em uma instituição de ensino superior. Aplicou-se um questionário a quarenta estudantes matriculados do sexto ao décimo semestre, durante o período de agosto de 2011 a junho de 2012. Destes, vinte haviam cursado Patologia Humana e Recursos Terapêuticos (Grupo I) e os demais eram estudantes de estágio da Clínica Escola da Universidade que tinham cursado Clínica I, Clínica II e Estágio I (Grupo II). A análise dos dados demonstrou que o Grupo II comparado ao Grupo I teve maior número de acertos. Esse resultado sinaliza um crescimento em termos de conhecimentos gerais da doença e seu tratamento no processo de ensino-aprendizagem ao longo do curso. No entanto, os autores observaram que apesar do Grupo I ter cursado as disciplinas de Patologia e Recursos Terapêuticos, apresentaram um conhecimento menor quando comparado ao Grupo II¹⁵.

Em outra pesquisa, realizada por Viana, Araújo e Pires², foi avaliado o conhecimento sobre hanseníase entre estudantes do último ano do curso de medicina de universidades públicas de Belém (PA), área endêmica para a doença. Participaram do estudo 122 acadêmicos, no período de agosto de 2011 a fevereiro de 2012. Os pesquisadores utilizaram um questionário para avaliar o nível de conhecimento dos estudantes sobre a hanseníase, que continha questões sobre prevenção, diagnóstico e tratamento da doença. Os resultados indicaram um nível de conhecimento relativamente baixo, com reduzidos índices de acertos sobre contato intradomiciliar, diagnóstico e formas clínicas da doença.

Ainda sobre o ensino médico, Alves et al.¹⁶ avaliaram o ensino da hanseníase entre 632 estudantes do primeiro e último ano, em uma escola médica pública localizada em uma região com baixa prevalência de hanseníase. Fez-se uma análise comparativa entre dois grupos: Grupo I (calouros, primeiro ano) e Grupo II (internos, último ano). Os resultados relevaram que, apesar do Grupo II ter adquirido mais conhecimento durante o curso, ainda observaram-se conceitos incorretos relacionados a transmissão, diagnóstico e cura da doença, indicando que o tema foi trabalhado de forma superficial. Para os autores, aqueles acadêmicos que participaram de atividades no centro de referência para hanseníase apresentavam-se mais confiantes para atender uma pessoa com diagnóstico de hanseníase.

Rodrigues et al.¹⁰ analisaram os conhecimentos de estudantes de medicina sobre hanseníase, a partir de um questionário sobre formas de contágio, necessidade de isolamento, características clínicas e sequelas. Participaram do estudo 164 estudantes do primeiro ao quarto ano de medicina, no período de abril a junho de 2013. Embora 98% dos acadêmicos tenham

algum conhecimento sobre a hanseníase, ainda persiste uma desinformação em relação a formas de transmissão, diagnóstico precoce e tratamento da doença, pois muitos ainda acreditam ser necessário o isolamento do paciente¹⁰.

Chaves et al.¹⁷, a partir de um estudo documental, avaliaram a abordagem do ensino da hanseníase em seis cursos de Graduação de enfermagem no estado da Paraíba. Os autores utilizaram os planos de ensino dos cursos, em instituições públicas e privadas. Os resultados revelam que há divergências no ensino da hanseníase nos cursos analisados, pois uma parte deles orienta o ensino a partir do modelo de vigilância à saúde, e os outros estão mais direcionados ao modelo biomédico, com foco na doença. Além disso, os autores destacam que nenhum plano de ensino aborda os aspectos sociais da hanseníase, e os conteúdos sobre o cuidado à pessoa com a doença são trabalhados de forma sucinta.

Em pesquisa realizada há mais de duas décadas por Pedrazzani¹⁴ também se observou uma heterogeneidade sobre o ensino da hanseníase em cursos de Graduação em enfermagem no estado de São Paulo. A carga horária utilizada, os locais de atividades práticas e o conteúdo das informações específicas sobre a hanseníase variavam entre as escolas pesquisadas. Em alguns cursos, o ensino sobre hanseníase foi ofertado em apenas uma ou duas disciplinas, revelando uma abordagem mais pontual e menos integral durante toda a formação.

Esses estudos revelam que o ensino sobre a hanseníase e sua integração nos currículos dos cursos da área da saúde ainda não contemplam uma perspectiva integral para a abordagem do tema, tanto do ponto de vista dos conteúdos trabalhados quanto pela disposição em diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem. Ainda se observa uma dicotomia entre teoria e prática, um enfoque centrado nos aspectos clínicos e um grau elevado de desinformação sobre diagnóstico, tratamento, cura e aspectos sociais que envolvem o processo de adoecimento e tratamento.

A prática tem mostrado que os profissionais de saúde ainda saem da universidade com dificuldades para ofertar um cuidado integral à pessoa com hanseníase, principalmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), em que deveria ocorrer a busca ativa, a identificação dos casos, o diagnóstico e o tratamento. Em muitas situações, os pacientes são diagnosticados e tratados tardiamente, em Centros de Referência Especializados. Esse cenário pode ser reflexo de uma formação em saúde que não privilegia a integralidade do cuidado ou a prestação de serviços no SUS, na qual os profissionais não são formados para atender às reais necessidades de saúde da população, principalmente, na rede de serviços básicos⁹.

Nessa perspectiva, deve-se investir em estratégias de melhoria do processo de ensino-aprendizagem em hanseníase nas diferentes profissões da saúde. O desafio é promover uma formação que privilegie não apenas os aspectos relacionados à doença, mas uma aprendizagem baseada em: práticas com enfoque problematizador da realidade local²; uma formação voltada para o SUS e para a APS; valorização do trabalho interdisciplinar; educação em saúde como uma prática transversal; e inserção do discente em diferentes campos de prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos da área da saúde orientam uma formação integral, humana, crítica e reflexiva, na qual os profissionais formados estejam aptos para atuar no SUS, nos diferentes níveis de atenção à saúde, a partir do conhecimento do perfil epidemiológico, dos riscos e vulnerabilidades das pessoas e grupos sociais. Nesse sentido, a hanseníase, enquanto problema de saúde pública no Brasil, precisa ser discutida de forma integral nos cursos de Graduação em saúde desde os primeiros semestres, a partir de um olhar ampliado para aspectos sociais e culturais que envolvem o processo de adoecimento e tratamento, tanto a nível individual quanto familiar.

Este artigo considera a necessidade de ampliar a discussão acerca do ensino sobre hanseníase nos cursos de Graduação em saúde, a fim de contribuir com o campo da educação em saúde e do cuidado em saúde, na perspectiva da integralidade. Para tanto, deve-se investir em mais estudos sobre a temática e em estratégias que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem sobre a hanseníase na formação em saúde.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Maria Augusta Vasconcelos Palácio e Iukary Takenami.

2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Maria Augusta Vasconcelos Palácio, Iukary Takenami e Laís Barreto de Brito Gonçalves.

3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Maria Augusta Vasconcelos Palácio, Iukary Takenami e Laís Barreto de Brito Gonçalves.

4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Maria Augusta Vasconcelos Palácio, Iukary Takenami e Laís Barreto de Brito Gonçalves.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. Estratégia global para hanseníase 2016-2020: aceleração rumo a um mundo sem hanseníase. Genève; 2016.
2. Viana ACB, Araújo FC, Pires CAA. Conhecimento de estudantes de medicina sobre hanseníase em uma região endêmica do Brasil. *Rev Baiana Saúde Pública*. 2016;40(1):24-37.
3. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico: caracterização da situação epidemiológica da hanseníase e diferenças por sexo, Brasil, 2012-2016. Brasília (DF); 2018.
4. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Guia prático sobre a hanseníase. Brasília (DF); 2017.
5. Silva FBV, Couto HRM, Hitchon MES, Ribeiro MOA, Murta TGH. Ações de enfermagem na abordagem ao adulto: possibilidades na saúde coletiva. In: Souza MCMR, Horta NC. *Enfermagem em saúde coletiva: teoria e prática*. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017. p. 313-33.
6. Silveira IR, Silva PR. As representações sociais do portador de hanseníase sobre a doença. *Saúde Colet*. 2006;3(12):112-7.
7. Borenstein MS, Padilha MI, Costa E, Gregório VRP, Koerich AE, Ribas DL. Hanseníase: estigma e preconceito vivenciados por pacientes institucionalizados em Santa Catarina (1940-1960). *Rev Bras Enferm*. 2008;61(n. spe):708-12.
8. Brasil. Ministério de Saúde. Doenças negligenciadas: estratégias do Ministério da Saúde. *Rev Saúde Pública*. 2010;44(1):200-2.
9. Dias A, Cyrino EG, Lastória JC. Conhecimentos e necessidades de aprendizagem de estudantes de fisioterapia sobre a Hanseníase. *Hansen Int*. 2007;32(1):9-18.
10. Rodrigues CC, Berto J, Nassif PW, Nassif AE. Análise dos conhecimentos a respeito da hanseníase em acadêmicos de medicina. *Braz J Surg Clin Res*. 2013;4(1):23-7.
11. Viegas SMF, Penna CMM. As dimensões da integralidade no cuidado em saúde no cotidiano da Estratégia Saúde da Família no Vale do Jequitinhonha, MG, Brasil. *Interface*. 2015;19(55):1089-100.
12. Rother ET. Revisão sistemática × revisão narrativa. *Acta Paul Enferm*. 2007;20(2):v-vi.

13. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Agrônômicas, Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. Tipos de revisão de literatura. Botucatu (SP); 2015.
14. Pedrazzani ES. Caracterização do ensino sobre hanseníase nos cursos de graduação em enfermagem no estado de São Paulo. *Hansen Int.* 1987;12(1):12-8.
15. Lopes JP. Conhecimento de alunos sobre hanseníase. *Saúde Rev.* 2016;16(42):1-10.
16. Alves CRP, Araújo MG, Ribeiro MMF, Melo EM. Evaluation of teaching on leprosy by students at a brazilian public medical school. *Rev Bras Educ Med.* 2016;40(3):393-400.
17. Chaves AEP, Medeiros SM, Chaves BH, Fernandes TN, Dantas CV. Abordagem da hanseníase na graduação em enfermagem. Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde; 2018. Campina Grande. Campina Grande (PB): Combracis; 2018. p. 1-11.

Recebido: 4.2.2019. Aprovado: 13.7.2020.